

Monólogo do vírus « Eu vim parar a máquina cujo freio de emergência vocês não estavam encontrando »

paru dans [lundimatin#](#), le 27 mars 2020 <https://lundi.am/Monologo-do-virus>

[[Monologue du virus](#) [فيروس مونولوج](#) [O μονόλογος ενός ιού](#) [What the virus said](#) [Virusken monologi](#) [病毒独自](#) [Monolog eines Virus'](#) [Monólogo do vírus](#) [Monólogo del Virus](#) [Monologo del virus](#) [ویروس مونولوج](#) [ウイルスの独自](#) [ϭηρηνιυρ ηυνηυρϭε](#)]

Queridos humanos, parem com os vossos ridículos apelos à guerra. Parem de me lançar esses olhares de vingança. Desliguem a aura de terror com que embrulham o meu nome. Nós, os vírus, desde a origem bacteriana do mundo, somos o verdadeiro *continuum* da vida na Terra. Sem nós, vocês nunca teriam visto a luz do dia, nem mesmo a teria visto a primeira célula.

Nós somos os vossos ancestrais, como as pedras e as algas, e bem mais do que os macacos. Nós estamos onde vocês estão e também onde não estão. Que pena que apenas reconheçam no universo aquilo que se vos assemelha. Mas, acima de tudo, parem de dizer que sou eu quem vos está a matar. Não estão a morrer por causa do que estou a fazer aos vossos tecidos, mas porque deixaram de cuidar dos vossos semelhantes. Se vocês não tivessem sido tão vorazes uns com os outros como foram com tudo o que vive neste planeta, ainda haveria camas, enfermeiros e ventiladores suficientes para sobreviver à devastação que causo nos vossos pulmões. Se não armazenassem os vossos velhos em casas moribundas e os vossos cidadãos saudáveis em ratoeiras de betão armado, também vocês não estariam lá. Se não tivessem transformado a ainda ontem exuberante, caótica, infinitamente povoada amplitude do mundo - ou melhor dito, dos mundos - num vasto deserto para a monocultura do Mesmo e do Mais, eu não teria sido capaz de me lançar à conquista planetária das vossas gargantas. Se durante o último século não se tivessem convertido praticamente todos em cópias redundantes de uma mesma forma insustentável de vida, não se estariam a preparar agora para morrer como moscas abandonadas na água da vossa civilização adocicada. Se não tivessem transformado os vossos ambientes em espaços tão vazios, transparentes e *abstractos*, podem ter certeza que eu não estaria a mover-me à velocidade de um avião. Só estou a cumprir a sentença que vocês próprios pronunciaram há muito tempo. Perdoem-me, mas tanto quanto sei, foram vocês que inventaram o termo 'Antropoceno'. Reivindicaram toda a honra da catástrofe ; agora que ela está acontecer, é tarde demais para renunciá-la. Os mais honestos de vós sabem bem disso : não tenho outro cúmplice que não a vossa própria organização social, a vossa loucura da 'grande escala' e da vossa economia, o vosso fanatismo do sistema. Apenas os sistemas são 'vulneráveis'. O resto vive e morre. Só há vulnerabilidade para aquilo que aspira a controlar, para a sua própria extensão e perfeição. Olhem para mim com cuidado : *sou apenas a outra face da Morte que reina.*

Por isso, parem de me culpar, de me acusar, de me perseguir. Parem de paralisar-se perante mim. Tudo isso é infantil. Proponho-vos que mudem de visual : há uma inteligência imanente na vida. Não precisam de ser um *sujeito* para ter uma memória ou uma estratégia. Não é preciso ser-se soberano para decidir. As bactérias e os vírus também podem fazer com que *chova ou que faça sol*. Olhem para mim como o vosso salvador e não como o vosso coveiro. São livres de não acreditar em mim, mas *eu vim desligar a máquina cujo freio de emergência vocês não encontram*. Eu vim suspender a operação da qual vocês são reféns. Eu vim expor a aberração da 'normalidade'. « Delegar noutros a nossa alimentação, a nossa protecção, a nossa capacidade de cuidar das nossas condições de vida tem sido uma loucura...Não há limite orçamental, a saúde não tem preço » : vejam como faço os vossos governantes, como o Emmanuel Macron, retraírem-se nas palavras e nos actos ! Vejam como os reduzo à sua verdadeira condição de comerciantes miseráveis e arrogantes ! Vejam como de repente se revelam não só como supérfluos, mas como nocivos ! Para eles vocês são

apenas o suporte da reprodução do seu sistema, ou seja, vocês são menos que escravos. Até o plâncton é tratado melhor do que vocês.

Mas não desperdicem as vossas energias reprovando-os ou atacando as suas limitações. Acusá-los de negligência é dar-lhes mais do que eles merecem. Perguntem-se antes como pôde parecer tão confortável deixá-los governar. Louvar os méritos da opção chinesa por oposição à opção britânica, da solução imperial-legítima por oposição ao método darwinista-liberal, é não entender nada de um ou outro, nem do horror de um ou outro. Desde Quesnay, os 'liberais' sempre olharam invejosamente para o Império Chinês ; e continuam a fazê-lo. Eles são irmãos siameses. Que um vos confine para vosso próprio bem e o outro para o bem da 'sociedade' consiste em esmagar, de forma equivalente, o único comportamento não-nihilista neste momento : cuidar de si mesmo, daqueles que amamos e do que amamos naqueles que não conhecemos. Não deixem que aqueles que vos levaram ao abismo finjam tirar-vos dele : eles só vos prepararão um inferno mais perfeito, um túmulo ainda mais profundo. No dia em que puderem, patrulharão o além com os seus exércitos.

Agradece-me, sim. Sem mim, por quanto mais tempo fariam passar como necessárias todas estas coisas aparentemente inquestionáveis, cuja suspensão é imediatamente decretada ? A globalização, as competições, o tráfego aéreo, as restrições orçamentais, as eleições, o espectáculo das competições desportivas, a Disneylândia, os ginásios, a maioria das lojas, o parlamento, o encarceramento escolar, as aglomerações de massas, a maior parte dos trabalhos de escritório, toda essa sociabilidade inebriada que é apenas o contrário da angustiada solidão das mônadas metropolitanas. Afinal nada disto é necessário quando o *estado de necessidade* se manifesta. Agradeçam-me a mim o teste da verdade que vão passar nas próximas semanas : vão finalmente viver a vossa própria vida, sem os milhares de subterfúgios que, mal ou bem, sustentam o insustentável. Ainda não se tinham dado conta que nunca tinham sido capazes de instalar-se na vossa própria existência. Estão entre caixas de cartão e não o sabiam. Agora vão viver com os vossos entes queridos. Vão viver em casa. Vão parar de estar em trânsito rumo à morte. Podem odiar o vosso marido. Podem odiar os vossos filhos. Podem ter vontade de fazer explodir o cenário da vossa vida quotidiana. A verdade é que, já não estavam neste mundo nessas metrópoles de separação. O vosso mundo já não era habitável em nenhum dos seus pontos, se não em fuga constante. Tinham de se atordoar com o movimento e a distração à medida que o hediondo ganhava terreno. E o fantasmagórico reinava entre os seres. Tudo se tinha tornado tão eficaz que já nada fazia sentido. Agradeçam-me por tudo isto e sejam bem-vindos à terra !

Graças a mim, por um tempo indefinido, não trabalharão mais, os vossos filhos não irão mais à escola, e ainda assim será o oposto de férias. Férias é aquele espaço que deve ser preenchido a todo custo enquanto se espera pelo ansiado retorno ao trabalho. Mas este espaço que se abre diante de vós, graças a mim, não é um espaço delimitado, é uma imensa abertura. Eu vim para vos *perturbar*. Nada vos garante que o não-mundo de antes vai voltar. Talvez todo este absurdo lucrativo chegue ao fim. Se vocês não forem pagos, o que pode ser mais natural do que deixar de pagar a renda ? Porque é que alguém que não pode mais trabalhar deve continuar a pagar prestações aos bancos ? Não é suicida viver onde nem cultivar num jardim se consegue ? Não é porque vocês não têm dinheiro que não vão comer, e quem tem o ferro tem o pão, como Auguste Blanqui costumava dizer. Agradeçam-me : coloco-vos ao pé da encruzilhada que tacitamente estruturou a vossa existência : *economia ou vida*. A decisão é vossa. O que está em jogo é histórico. Ou os governantes vos impõem o seu estado de excepção ou vocês inventam o vosso. Ou vocês se apegam às verdades que estão a vir a lume ou colocam a cabeça no cepo. Ou vocês aproveitam o tempo que vos estou a dar agora para imaginar o mundo do depois, a partir das lições do colapso a que estamos a assistir, ou ele será completamente radicalizado. O desastre pára quando pára a economia. A economia é o desastre. Esta era a tese antes do mês passado. Agora é um facto. Ninguém consegue ignorar

quanta polícia, quanta vigilância, quanta propaganda, quanta logística e quanto teletrabalho será necessário para suprimi-lo.

Perante mim, não cedam nem ao pânico nem à negação. Não cedam à histeria biopolítica. As próximas semanas vão ser terríveis, esmagadoras e cruéis. Os portões da Morte estarão bem abertos. Eu sou a mais devastadora produção de devastação em produção. Estou aqui para trazer os niilistas de volta ao nada. Nunca mais a injustiça deste mundo será tão *flagrante*. É uma civilização, e não vocês, que eu venho enterrar. Aqueles que querem viver terão de criar novos hábitos para si próprios. Evitar-me será a oportunidade para esta reinvenção, para esta nova *arte da distância*. A arte de cumprimentar, na qual alguns eram suficientemente míopes para ver a própria forma da instituição, em breve deixará de obedecer a qualquer rótulo. Caracterizará os seres. Não o façam 'pelos outros', pela 'população' ou pela 'sociedade', façam-no pelos vossos. Cuidem dos vossos amigos e dos vossos amores. Repensem com eles, soberanamente, uma forma de vida justa. Criem *aglomerados* de boa vida, expandam-nos e eu não terei poder sobre vocês. Este é um apelo não a um retorno maciço da disciplina, mas da *atenção*. Não ao fim do descuido, mas ao fim da negligência. Que outra forma havia para vos lembrar que a salvação está em cada gesto ? Que tudo está no ínfimo.

Tive de me render às evidências : a humanidade apenas coloca as questões que já não pode mais não colocar.



Monologo del virus « Sono venuto a fermare la macchina della quale non trovavate più il freno di emergenza »

paru dans [lundimatin#](#), le 27 mars 2020 <https://lundi.am/Monologo-del-virus>

Cari umani, fate tacere tutti i vostri ridicoli appelli di guerra. Abbassate quegli sguardi vendicativi che mi riservate. Dissolvete l'alone di terrore con il quale circondate il mio nome. Noi, i virus, dal fondo batterico del mondo, siamo il vero *continuum* della vita sulla Terra. Senza di noi non avreste mai visto la luce, così come la cellula primordiale.

Noi siamo i vostri antenati, allo stesso titolo delle pietre e delle alghe, e molto più delle scimmie. Siamo dovunque siete e anche dove non siete. Peggio per voi se nell'universo vedete solo quello che è a vostra immagine e somiglianza ! Ma soprattutto, smettete di dire che sono io a uccidervi. Voi non state morendo a causa della mia azione sui vostri tessuti, ma della mancanza di cura dei vostri simili. Se non foste stati tanto rapaci tra voi così come lo siete stati con tutto quello che vive su questo pianeta, avreste ancora abbastanza letti, infermieri e respiratori per sopravvivere ai danni che infliggo ai vostri polmoni. Se non aveste ammassato i vostri vecchi in delle topaie e i vostri elementi validi in conigliere di cemento

armato, non sareste a questo punto. Se non aveste mutato l'intera estensione, fino a ieri ancora lussureggiante, caotica, infinitamente popolata, del mondo o meglio dei mondi, in un immenso deserto per la monocultura dello Stesso e del Più, non avrei potuto lanciarmi alla conquista planetaria delle vostre gole. Se dall'inizio alla fine dell'ultimo secolo non foste diventati tutti copie ridondanti di una sola e insostenibile forma di vita, non vi preparereste a morire come mosche abbandonate nell'acqua della vostra zuccherata civiltà. Se non aveste reso i vostri luoghi così vuoti, così trasparenti, così *astratti*, siate certi che non mi diffonderei alla velocità di un'astronave. Io vengo a eseguire la condanna che voi stessi avete da tempo pronunciato contro voi stessi. Scusate ma siete voi, che io sappia, ad aver inventato il nome di "Antropocene". Vi siete intestati l'intero onore del disastro ; adesso che si compie è troppo tardi per rinunciarvi. I più onesti tra voi lo sanno bene : io non ho altro complice che la vostra organizzazione sociale, la vostra follia della "grande scala" e la sua economia, il vostro fanatismo per il *sistema*. Solo i sistemi sono "vulnerabili". Il resto vive e muore. Le sola cosa "vulnerabile" è quella che tende al controllo, alla sua estensione e al suo perfezionamento. Guardatemi bene : *io sono il risvolto della Morte regnante*.

Smettetela dunque d'incolparmi, di accusarmi, d'inseguirmi. Di essere paralizzati da me. Tutto questo è infantile. Vi propongo un cambio di sguardo : vi è un'intelligenza immanente alla vita. Non vi è alcun bisogno di essere un *soggetto* per disporre di una memoria o di una strategia. Nessun bisogno di essere sovrano per decidere. Anche i batteri e virus possono fare *il bello e il cattivo tempo*. Dovreste vedere perciò in me un salvatore invece che il vostro becchino. Liberi di non credermi, ma *io sono venuto a fermare la macchina della quale non trovavate più il freno di emergenza*. Sono venuto a sospendere il funzionamento del quale eravate ostaggi. Sono venuto a rendere manifesta l'aberrazione della "normalità". « Delegare la nostra alimentazione, la nostra protezione, la nostra capacità di prenderci cura del nostro regime di vita ad altri è una follia »... « Non c'è tetto del deficit, la salute non ha prezzo » : vedete come faccio sciogliere la lingua e lo spirito dei vostri governanti ! Guardate come ne svelo il vero ruolo di miserabili truffatori, per di più arroganti ! Vedete come d'un tratto si dichiarano non solo superflui ma *nocivi* ! Per loro voi non siete altro che supporti alla riproduzione del sistema, cioè ancora meno che schiavi. Persino il plancton è trattato meglio di voi.

Guardatevi però dal riempirli di rimproveri, d'incriminare le loro insufficienze. Accusarli d'incuria è ancora considerarli più di quanto meritano. Domandatevi piuttosto come voi avete potuto trovare così comodo farvi governare. Vantare i meriti dell'opzione cinese contro quella britannica, della soluzione imperial-legalitarista contro il metodo liberal-darwinista, significa non capire nulla dell'una e dell'altro, dell'orrore di entrambi. Fin da Quesnay i "liberali" hanno sempre guardato con invidia all'impero cinese ; e continuano a farlo. In realtà, sono fratelli siamesi. Che l'uno vi metta al confino nel vostro interesse e l'altro per quello della "società", vuol dire in ogni caso vanificare la sola condotta non nichilista : prendersi cura di sé, di chi si ama e di quel che si ama in chi non si conosce. Non lasciate che quanti vi hanno gettato nel baratro pretendano ora di farvene uscire : non faranno che prepararvi un inferno ancora più perfezionato, una tomba sempre più profonda. Il giorno che lo potranno, faranno pattugliare ai militari anche l'aldilà.

Ringraziatemi piuttosto. Senza di me, per quanto tempo ancora avrebbero fatto passare per *necessarie* tutte queste cose indiscutibili delle quali si decreta improvvisamente la sospensione ? La globalizzazione, i concorsi, il traffico aereo, i limiti al budget, le elezioni, lo spettacolo delle competizioni sportive, Disneyland, le palestre di fitness, la maggior parte dei negozi, il parlamento, l'accasermamento scolastico, i raduni di massa, l'essenziale dei lavori d'ufficio, tutta questa socialità ubriaca che non è altro che il rovescio della solitudine angosciata delle monadi metropolitane : tutto questo appare dunque privo di necessità, una volta che si manifesta lo *stato di necessità*. Ringraziatemi per la prova di verità delle prossime

settimane : andrete infine ad abitare la vostra vita senza le mille scappatoie che, bene o male, tengono in piedi l'insostenibile. Senza rendervene conto, non avete mai traslocato nella vostra esistenza. Siete tra gli scatoloni e non lo sapete. Andrete quindi a vivere con i vostri cari. Andrete ad abitare a casa vostra. Porrete fine all'essere in transito verso la morte. Forse odierete vostro marito. Forse troverete insopportabili i vostri figli. Magari vi verrà la voglia di far saltare in aria la *scenografia* della vostra vita quotidiana. A dire il vero, voi non eravate più al mondo, in queste metropoli della separazione. Il vostro mondo non era più vivibile in nessuno dei suoi punti, se non a patto di doverlo fuggire senza sosta. Bisognava stordirsi di movimento e di distrazioni per quanto l'orrore aveva guadagnato in presenza. E il fantomatico regnava tra gli esseri. Tutto era diventato talmente efficace che niente aveva più senso. Ringraziatemi per tutto questo e benvenuti sulla Terra !

Grazie a me, per un tempo indefinito, voi non lavorerete più, i vostri figli non andranno a scuola, e tuttavia sarà il contrario delle vacanze. Le vacanze sono lo spazio che bisogna arredare ad ogni costo aspettando il solito ritorno al lavoro. Ma qui, quello che si apre davanti a voi, grazie a me, non è uno spazio delimitato, è un'immensa apertura. Io vi rendo inoperosi. Niente vi dice che il non-mondo di prima tornerà. Tutta questa assurdità redditizia forse finirà. A forza di non essere pagati, cosa c'è di più naturale se non lo smettere di pagare l'affitto ? Per quale motivo coloro che non possono più lavorare dovrebbero ancora versare le rate del mutuo ? Non è suicidario, in fin dei conti, vivere dove non si può neanche coltivare un orto ? Chi non ha più soldi non smetterà certo di mangiare, chi ha del ferro ha del pane. Ringraziatemi, vi pongo davanti al bivio che struttura tacitamente le vostre esistenze : *l'economia o la vita*. Tocca a voi adesso muovere. La sfida è storica. O i governanti vi impongono il loro stato d'eccezione, o voi inventate il vostro. O vi aggrappate alle verità che vengono a galla, o mettete la testa sotto il patibolo. O impiegate il tempo che vi sto dando adesso per immaginare il mondo che verrà, a partire dalle lezioni del collasso in corso, o quest'ultimo si radicalizzerà sempre più. Il disastro finisce quando finisce l'economia. L'economia è il disastro. Era una tesi fino allo scorso mese. Ora è un fatto. Nessuno può ignorare di quanta polizia, sorveglianza, propaganda, logistica e telelavoro avranno bisogno per rimuoverlo.

Di fronte a me, non cedete al panico né alla negazione. Non arrendetevi alle isterie biopolitiche. Le prossime settimane saranno terribili, opprimenti, crudeli. Le porte della Morte verranno spalancate. Io sono il più catastrofico prodotto della catastrofe che è la produzione. Io vengo per ridurre al niente i nichilisti. L'ingiustizia di questo mondo *urlerà* come non mai. E' una civiltà, e non voi, che vengo a seppellire. Quelli che vogliono vivere dovranno costruirsi delle nuove abitudini, che gli saranno proprie. Evitarmi sarà l'occasione di questo reinventarsi, di questa nuova *arte delle distanze*. L'arte di salutarsi, nella quale alcuni erano così miopi da vederci la forma stessa dell'istituzione, presto non obbedirà più ad alcuna etichetta. Segnerà gli esseri. Non fate questo per "gli altri", per "la popolazione", o per "la società", fatelo per i vostri. Prendetevi cura dei vostri amici e dei vostri amori. Ripensate con loro, sovraneamente, una giusta forma della vita. Fate dei *cluster* di vita buona, estendeteli e io non potrò niente contro di voi. Questo non è un appello al ritorno in massa alla disciplina ma all'attenzione. Non alla fine di ogni spensieratezza ma di ogni negligenza. Che altro modo mi resta per ricordarvi che la salute è in ogni *gesto* ? Che tutto è nell'infinitesimale.

Mi sono dovuto arrendere all'evidenza : l'umanità si pone solo quelle domande che non può non porsi.



What the virus said “I’ve come to shut down the machine whose emergency brake you couldn’t find.”

paru dans [lundimatin#](#), le 27 mars 2020

You’d do well, dear humans, to stop your ridiculous calls for war. Lower the vengeful looks you’re aiming at me. Extinguish the halo of terror in which you’ve enveloped my name. Since the bacterial genesis of the world, we viruses are the true *continuum* of life on Earth. Without us, you would never have seen the light of day, any more than the first cell would have come to exist.

We are your ancestors, just like the rocks and the seaweed, and much more than the apes. We are wherever you are and also where you aren’t. Too bad for you if you only see in the universe what is to your liking ! But above all, quit saying that it is I who am killing you. You will not die from my action upon your tissues but from the lack of care of your fellow humans. If you had not been just as rapacious amongst yourselves as you were with all that lives on this planet, you would still have enough beds, nurses, and respirators to survive the damage I do in your lungs. If you didn’t pack your old people into nursing homes and your able-bodied into concrete hutches, you wouldn’t be in this predicament. If you hadn’t changed the whole expanse of the world, or worlds rather, that just yesterday were still luxuriant, chaotic, infinitely inhabited, into a vast desert for the monoculture of the Same and the More, I wouldn’t have been able to launch myself into the global conquest of your throats. If nearly all of you had not become, over the last century, redundant copies of a single, untenable form of life, you would not be preparing to die like flies abandoned in the water of your sugary civilization. If you had not made your environments so empty, so transparent, so *abstract*, you can be sure that I wouldn’t be moving at the speed of an aircraft. I only come to carry out the punishment that you have long pronounced against yourselves. Forgive me, but it’s you, after all, who invented the name “Anthropocene”. You have awarded yourselves the whole honor of the disaster ; now that it is unfolding, it’s too late to decline it. The most honest among you know this very well : I have no other accomplice than your social organization, your folly of the “grand scale” and its economy, your fanatical belief in *systems*. Only systems are “vulnerable”. Everything else lives and dies. There’s no “vulnerability” except for what aims at control, at its extension and its improvement. Look at me closely : *I am just the flip side of the prevailing Death.*

So stop blaming me, accusing me, stalking me. Working yourselves into an anti-viral paralysis. All of that is childish. Let me propose a different perspective : there is an intelligence that is immanent to life. One doesn’t need to be a *subject* to make use of a memory and a strategy. One doesn’t have to be a sovereign to decide. Bacteria and viruses can also *call the shots*. See me, therefore, as your savior instead of your gravedigger. You’re free not to believe me, but *I have come to shut down the machine whose emergency brake you couldn’t find*. I have come in order to suspend the operation that held you hostage. I have come in order to demonstrate the aberration that “normality” constitutes. “Delegating to others our nutrition, our protection, our ability to care for our way of life was a madness”...“There is no budgetary limit, health has no price” : see how I redirect the

language and spirit of your governing authorities ! See how I bring them down for you to their real standing as miserable racketeers, and arrogant to boot ! See how they suddenly denounce themselves not just as being superfluous, but as being *harmful* ! For them you're nothing but supports for the reproduction of their system – that is, less than slaves. Even the plankton are treated better than you.

But don't waste your time reproaching them, pointing out their deficiencies. Accusing them of negligence is still to give them more credit than they deserve. Ask yourselves rather how you could find it so comfortable to let yourselves be governed. Praising the merits of the Chinese option compared to the British option, of the imperial-legist solution as against the Darwinist-liberal method is to understand nothing about the one or the other, the horror of one and the horror of the other. Since Quesnay, the "liberals" have always looked with envy at the Chinese empire ; and they still do. They are Siamese twins. The fact that one of them confines you in its interest and the other in the interest of "society" always amounts to suppressing the only non-nihilist conduct : taking care of oneself, of those one loves and of what one loves in those one doesn't know. Don't let those who've led you to the abyss claim to be saving you from it : they will prepare for you a more perfect hell, an even deeper grave. Someday when they're able, they'll send the army to patrol the afterlife.

You ought to thank me, rather. Without me, for how much longer would those unquestionable things that are suddenly suspended have gone on being presented as *necessary* ? Globalization, competitive exams, air traffic, budgetary limits, elections, sports spectacles, Disneyland, fitness gyms, most businesses, the National Assembly, school barracking, mass gatherings, most office jobs, all that automatic sociability that is nothing but the reverse of the anxious solitude of the metropolitan monads : all of that was rendered unnecessary, once the *state of necessity* asserted its presence. Thank me for the truth test of the coming weeks ; you're finally going to inhabit your own life, without the thousand escapes that, good year bad year, hold the untenable together. Without your realizing it, you had never taken up residence in your own existence. You were there among your boxes, and you didn't know it. Now you will live with your kindreds. You will be at home. You will cease to be in transit towards death. Perhaps you will hate your husband. Maybe your children won't be able to stand you. Maybe you will feel like blowing up the *décor* of your everyday life. The truth is that you were no longer in the world, in those metropolises of separation. Your world was no longer livable in any of its guises unless you were constantly fleeing. One had to make do with movement and distractions in the face of the hideousness that had taken hold. And the spectral that reigned between beings. Everything had become so efficient that nothing made any sense any longer. Thank me for all that, and welcome back to earth !

Thanks to me, for an indefinite time you will no longer work, your kids won't go to school, and yet it will be the opposite of a vacation. Vacations are that space that must be filled up at all costs while waiting for the obligatory return to work. But now what is opening up in front of you, thanks to me, is not a delimited space but a gaping emptiness. I render you *idle*. There's no guarantee that yesterday's non-world will reappear. All of that profitable absurdity may cease. Not being paid oneself, what would be more natural than to stop paying one's rent ? Why would a person unable to work go on depositing their mortgage payments at the bank ? Isn't it suicidal, when you come down to it, to live where you can't even cultivate a garden ? Someone who doesn't have any money left doesn't stop eating as a consequence, and who has the iron has the bread. Thank me : I place you in front of the bifurcation that was tacitly structuring your existences : *the economy or life*. It's your move, your turn to play. The stakes are historical. Either the governing authorities impose their state of exception on you, or you invent your own. Either you go with the truths that are coming to light, or you put your head on the chopping block. Either you use the time I'm giving you to envision the world of the aftermath in light of what you've learned from the collapse that's underway, or the latter

will go extreme. The disaster ends when the economy ends. The economy *is* the devastation. That was a theory before last month. Now it is a fact. No one can fail to sense what it will take in the way of police, propaganda, surveillance, logistics, and remote working to keep that fact under control.

As you deal with me, don't succumb to panic or denial. Don't give in to the biopolitical hysterias. The coming weeks will be terrible, oppressive, cruel. The gates of death will be wide open. I am the most devastating production of the devastation of production. I come to reduce the nihilists to nothingness. The injustice of this world will never be more *outrageous*. It's a civilization, not you, that I come to bury. Those who desire to live will have to construct new habits, ones that are suitable for them. Avoiding me will be the occasion for this reinvention, this new *art of distances*. The art of greeting one another, which some were short-sighted enough to see as the very form of the institution, will soon not obey any etiquette. It will sign beings. Don't do it "for the others", for "the population" or for "society", do it for your people. Take care of your friends and those you love. Rethink along with them, decisively, what a just form of life would be. Organize clusters of right living, expand them, and I won't be able to do anything against you. I am calling for a massive return, not of discipline, but *of attention*. Not for the end of insouciance, but the end *of all carelessness*. What other way remained for me to remind you that salvation is *in each gesture*? That everything is in the tiniest thing.

I've had to face the facts : humanity only asks itself the questions it can no longer keep from asking.

[Translation : Robert "le meilleur" Hurley]



Monólogo del Virus « He venido a parar la máquina cuyo freno de emergencia no encontrabais »

paru dans [lundimatin#](#), le 27 mars 2020 <https://lundi.am/Monologo-del-Virus-2853>

Dejad de proferir, queridos humanos, vuestros ridículos llamamientos a la guerra. Dejad de dirigirme esas miradas de venganza. Apagad el halo de terror con que envolvéismi nombre. Nosotros, los virus, desde el origen bacteriano del mundo, somos el verdadero *continuum* de la vida en la tierra. Sin nosotros, jamás habríais visto la luz del día, ni siquiera la habría visto la primera célula.

Somos vuestros antepasados, al igual que las piedras y las algas, y mucho más que los monos. Estamos dondequiera que estéis y también donde no estáis. ¡Si del universo sólo veis aquello que se os parece, peor para vosotros! Pero sobre todo, dejad de decir que soy yo el que os está matando. No estáis muriendo por lo que le hago a vuestros tejidos, sino porque habéis dejado de cuidar a vuestros semejantes. Si no hubierais sido tan rapaces entre vosotros como lo habéis sido con todo lo que vive en este planeta, todavía habría suficientes camas, enfermeras y respiradores para sobrevivir a los estragos que causo en vuestros pulmones. Si no almacenaseis a vuestros ancianos en morideros y a vuestros prójimos sanos en ratoneras de

hormigón armado, no os veríais en éstas. Si no hubierais transformado la amplitud, hasta ayer mismo aún exuberante, caótica, infinitamente poblada, del mundo —o mejor dicho, de *los mundos*— en un vasto desierto para el monocultivo de lo Mismo y del Más, yo no habría podido lanzarme a la conquista planetaria de vuestras gargantas. Si durante el último siglo no os hubierais convertido prácticamente todos en copias redundantes de una misma e insostenible forma de vida, no os estaríais preparando para morir como moscas abandonadas en el agua de vuestra civilización edulcorada. Si no hubierais convertido vuestros entornos en espacios tan vacíos, tan transparentes, tan *abstractos*, tened por seguro que no me desplazaría a la velocidad de un avión. Sólo estoy ejecutando la sentencia que dictasteis hace mucho contra vosotros mismos. Perdonadme, pero sois vosotros, que yo sepa, quienes habéis inventado el término «Antropoceno». Os habeis adjudicado todo el honor del desastre; ahora que está teniendo lugar, es demasiado tarde para renunciar a él. Los más honestos de entre vosotros lo sabéis bien: no tengo más cómplice que vuestra propia organización social, vuestra locura de la «gran escala» y de su economía, vuestro fanatismo del *sistema*. Sólo los sistemas son «vulnerables». Lo demás vive y muere. Sólo hay vulnerabilidad para lo que aspira al control, a su extensión y perfeccionamiento. Miradme atentamente: *sólo soy la otra cara de la Muerte reinante*.

Así que dejad de culparme, de acusarme, de acosarme. De paralizaros ante mí. Todo eso es infantil. Os propongo que cambiéis vuestra mirada: hay una inteligencia inmanente en la vida. No hace falta ser *sujeto* para tener un recuerdo o una estrategia. No hace falta ser soberano para decidir. Las bacterias y los virus también pueden *hacer que llueva y brille el sol*. Así que miradme como vuestro salvador más que como vuestro enterrador. Sois libres de no creerme, pero *he venido a parar la máquina cuyo freno de emergencia no encontrabais*. He venido a detener la actividad de la que érais rehenes. He venido a poner de manifiesto la aberración de la «normalidad». «Delegar en otros nuestra alimentación, nuestra protección, nuestra capacidad de cuidar de las condiciones de vida ha sido una locura»... «No hay límite presupuestario, la salud no tiene precio»: ¡mirad cómo hago que se retracten de palabra y de obra vuestros gobernantes! ¡Mirad cómo los reduzco a su verdadera condición de mercachifles miserables y arrogantes! ¡Mirad cómo de repente se revelan no sólo como superfluos, sino como nocivos! Para ellos no sois más que el soporte de la reproducción de su sistema, es decir, menos aun que esclavos. Hasta al plancton lo tratan mejor que a vosotros.

Pero no malgastéis energía en cubrirlos de reproches, en echarles en cara sus limitaciones. Acusarlos de negligencia es darles más de lo que se merecen. Preguntaos más bien cómo ha podido pareceros tan cómodo dejaros gobernar. Alabar los méritos de la opción china frente a la opción británica, de la solución imperial-legista frente al método darwinista-liberal, es no entender nada ni de la una ni de la otra, ni del horror de la una ni del horror de la otra. Desde Quesnay, los «liberales» siempre han mirado con envidia al Imperio chino ; y siguen haciéndolo. Son hermanos siameses. Que uno te confine por tu propio bien y el otro por el bien de «la sociedad» equivale igualmente a aplastar la única conducta no nihilista en este momento: cuidar de uno mismo, de aquellos a los que quieres y de aquello que amamos en aquellos que no conocemos. No dejéis que quienes os han conducido al abismo pretendan sacaros de él: lo único que harán será prepararos un infierno más perfeccionado, una tumba aún más profunda. El día que puedan, patrullarán el más allá con sus ejércitos.

Más bien, agradecédmelo. Sin mí, ¿cuánto tiempo más se habrían hecho pasar por necesarias todas estas cosas aparentemente incuestionables cuya suspensión se decreta de inmediato? La globalización, los concursos, el tráfico aéreo, los límites presupuestarios, las elecciones, el espectáculo de las competiciones deportivas, Disneyland, las salas de *fitness*, la mayoría de los comercios, el parlamento, el acuartelamiento escolar, las aglomeraciones de masas, la mayor parte de los trabajos de oficina, toda esa ebria sociabilidad que no es sino el reverso de la angustiada soledad de las mónadas metropolitanas. Ya lo veis: nada de eso es

necesario cuando *el estado de necesidad* se manifiesta. Agradecedme la prueba de la verdad que vais a pasar en las próximas semanas: por fin vais a vivir en vuestra propia vida, sin los miles de subterfugios que, mal que bien, sostienen lo insostenible. Todavía no os habíais dado cuenta de que nunca habíais llegado a instalaros en vuestra propia existencia. Vivíais entre las cajas de cartón y no lo sabíais. Ahora vais a vivir con vuestros seres queridos. Vais a vivir en casa. Vais a dejar de estar en tránsito hacia la muerte. Puede que odiéis a vuestro marido. Puede que aborrezcáis a vuestros hijos. Quizás os entren ganas de dinamitar el *decorado* de vuestra vida diaria. Lo cierto es que, en esas metrópolis de la separación, ya no estábais en el mundo. Vuestro mundo había dejado de ser habitable en ninguno de sus puntos excepto huyendo constantemente. Tan grande era la presencia de la fealdad que había que aturdirse de movimiento y de distracciones. Y lo fantasmal reinaba entre los seres. Todo se había vuelto tan eficaz que ya nada tenía sentido. ¡Agradecedme todo esto, y bienvenidos a la tierra !

Gracias a mí, por tiempo indefinido, ya no trabajaréis, vuestros hijos no irán al colegio, y sin embargo será todo lo contrario a las vacaciones. Las vacaciones son ese espacio que hay que rellenar a toda costa mientras se espera la ansiada vuelta al trabajo. Pero esto que se abre ante vosotros, gracias a mí, no es un espacio delimitado, es una inmensa apertura. He venido a *descolocaros*. Nadie os asegura que el no-mundo de antes volverá. Puede que todo este absurdo rentable termine. Si no os pagan, ¿qué sería más natural que dejar de pagar el alquiler? ¿Por qué iba a seguir cumpliendo con sus cuotas del banco quien de todos modos ya no puede trabajar? ¿Acaso no es suicida vivir donde ni siquiera se puede cultivar un huerto? No por no tener dinero se va a dejar de comer, y quien tiene el hierro tiene el pan, como decía Auguste Blanqui. Dadme las gracias: os coloco al pie de la bifurcación que estructuraba tácitamente vuestras existencias: *la economía o la vida*. De vosotros depende. Lo que está en juego es histórico. O los gobernantes os imponen su estado de excepción o vosotros inventáis el vuestro. U os vinculáis a las verdades están viendo la luz o ponéis vuestra cabeza en el tajo del verdugo. O aprovecháis el tiempo que os doy ahora para imaginaros el mundo de después a partir de las lecciones del colapso al que estamos asistiendo o éste se radicalizará por completo. El desastre cesa cuando la economía se detiene. La economía *es* el desastre. Esto era una tesis antes del mes pasado. Ahora es un hecho. A nadie se le escapa cuánta policía, cuánta vigilancia, cuánta propaganda, cuánta logística y cuánto teletrabajo hará falta para reprimirlo.

Ante mí, no cedáis ni al pánico ni al impulso de negación. No cedáis a las histerias biopolíticas. Las próximas semanas serán terribles, abrumadoras, crueles. Las puertas de la Muerte estarán abiertas de par en par. Soy la más devastadora producción de devastación de la producción. Vengo a devolver a la nada a los nihilistas. La injusticia de este mundo nunca será más *escandalosa*. Es a una civilización, y no a vosotros, a quien vengo a enterrar. Quienes quieran vivir tendrán que crearse hábitos nuevos, que sean apropiados para ellos. Evitarme será la oportunidad para esta reinvención, para este nuevo *arte de las distancias*. El arte de saludarse, en el que algunos eran lo suficiente miopes como para ver la forma misma de la institución, pronto ya no obedecerá a ninguna etiqueta. Caracterizará a los seres. No lo hagáis «por los demás», por «la población» o por la «sociedad», hacedlo por los vuestros. Cuidad de vuestros amigos y de vuestros amores. Volved a pensar con ellos, soberanamente, una forma justa de vida. Cread *conglomerados* de vida buena, ampliadlos, y nada podré contra vosotros. Esto es un llamamiento no a la vuelta masiva a la disciplina, sino *a la atención*. No al fin de la despreocupación, sino al de *la negligencia*. ¿Qué otra manera me quedaba de recordaros que la salvación está *en cada gesto* ? Que todo está en lo ínfimo.

He tenido que rendirme a la evidencia: la humanidad sólo se plantea las preguntas que no puede seguir sin plantearse. [Traducido por el Grupo Coquelicot y revisado por un amigo]